

Imaginário e oralidade: Contos e Lendas de uma Bahia Fria

Luana Silva Cardoso Lima¹

Orientadora: Prof^ª. Clarissa Braga².

Resumo:

O presente artigo pretende analisar algumas lendas que povoam o imaginário das crianças de Piatã: um município da Bahia localizado ao sul da Chapada Diamantina a 1268m de altitude. Este município mostra uma Bahia diferente daquela propagada em cartões-postais: uma Bahia fria, cuja temperatura, à noite, chega a 6° C. A proposta é discutir a diversidade do povo baiano, que não se revela somente através das histórias do sertão, do cangaço e da seca nordestina.

1 – Introdução.

Este artigo apresenta algumas reflexões e os primeiros resultados de uma pesquisa que vem sendo realizada em Piatã. O município está localizado ao sul da Chapada Diamantina a 1268m de altitude. Trata-se de um lugarejo muito antigo que segue seu rumo lentamente, protegido pelos planaltos que o circundam. Mesmo assim, a cultura

¹ Graduanda em Relações Públicas; bolsista de iniciação científica da FAPESB.

² Doutoranda em Educação (FACED/UFBA); Mestre em Comunicação e Culturas Contemporâneas (FACOM/UFBA); vice coordenadora do NAVE – Núcleo de Audiovisuais Educativos e coordenadora geral da TV UNIFACS.

popular começa a sucumbir à cultura trazida dos centros urbanos, principalmente através da televisão. As crianças de Piatã vivem entre os antigos hábitos ainda cultivados por muitos moradores e as novidades que começam a fazer parte da cultura local.

Piatã faz parte de uma Bahia diferente daquela propagada pelos cartões-postais e meios de comunicação de massa: uma Bahia fria, com outros costumes e histórias. No outono e inverno, as pessoas andam de gorro e luvas, como em cidades do sul do Brasil. A exuberância geográfica do município chama a atenção dos visitantes pelos seus atrativos naturais: cadeias de montanhas, grande número de rios e riachos, cachoeiras e trilhas, orquídeas e outras espécies de flores, além de plantas medicinais características da região³. A paisagem local interfere nos costumes e imaginário das crianças da região, que possuem um senso estético diferente daquele propagado pela mídia como representativo de qualquer lugar da região nordeste.

Neste sentido, discutir a diversidade do povo baiano – que possui outras figuras representativas do folclore, além do saci-pererê e do lobisomem - é uma forma de contribuição inclusive para as escolas que retratam apenas um nordeste seco, quente e granulado, obstruindo as outras formas culturais existentes no Estado.

Para a coleta de dados da pesquisa, foram realizadas visitas à Piatã e registros dos contos e lendas, através de entrevistas realizadas com crianças, contadores de histórias e professores. Estas histórias trouxeram à tona novos personagens do folclore brasileiro, escondidos nas regiões frias da Bahia e construídos a partir do imaginário local, onde o vento, o frio, as plantas e os costumes ajudam a compor as personagens e as lendas.

2 – A Estética do Frio.

Morin define estética como a “*degradação do mágico*”: uma apropriação cotidiana do simbólico, do fantástico e das artes, uma incorporação do imaginário aos costumes e aos hábitos mundanos. Para o autor, a estética é “*um tipo de relação humana muito mais ampla e fundamental*” (MORIN;1992, 46). A estética corporifica o mágico, tornado

³ Como por exemplo, o “Camará”, planta utilizada para curar gripe e resfriado.

aquilo que é sagrado em mundano. Ela pode ser representada através da arte, da moda, dos costumes, das lendas e das histórias, que se alimentam do imaginário local para sua corporificação.

Sendo assim, a estética de uma Bahia fria é diferente daquela representada pelo sertão e pelo calor, pois os elementos que compõem o imaginário destes lugares são potencialmente diferentes daqueles que fazem parte do Estado quente. Tentar traduzir os elementos representativos da cultura deste Estado para os seus locais de temperatura baixa é impor estereótipos regionais e oprimir a diversidade cultural que caracteriza o povo baiano.

De acordo com Gohn “*A cultura é também uma força, enquanto uma prática plena de significados. Ela demarca diferenças porque estas são produzidas no interior destas práticas de significações*” (GOHN; 2001, 35). Por isso, os contos e lendas que se tornaram estereótipos regionais se esvaziam de significado na Bahia fria, que não se sente representada, cotidianamente, pelos personagens do dito folclore regional.

No entanto, Warnier afirma que a maioria das políticas culturais, nos países pouco desenvolvidos, são brutalmente unificadoras. O Estado tem a ambição de se apropriar dos patrimônios culturais – cozinha, música, dança, artes, entre outros - e fundi-lo em uma herança unitária que tem como objetivo a valorização da cultura atrelada a fins ideológicos, políticos e turísticos (WARNIER; 2000, 107). Por isso, urge que as histórias desta Bahia fria sejam resgatadas e incorporadas ao folclore regional.

3 – O município de Piatã.

A cidade já foi nomeada, em um primeiro momento, como Anchieta, depois Bom Jesus do Limão e atualmente Piatã. Um nome de origem indígena que significa “O canto de um menino triste”.

Seus costumes e lendas singulares correm o risco de cair no esquecimento, pois a televisão e os livros didáticos tradicionais influenciam cada vez mais a nova geração, que incorpora ao legado cultural as lendas e folclores propagados como legítimos representantes da cultura nordestina. Assim, o mundo globalizado transforma ações

locais em práticas idênticas regionais e as crianças deixam de conhecer a sua verdadeira história.

No que se refere à Piatã, o hábito dos moradores já não é o mesmo de 25 anos atrás: a família se dispersou, muitos moradores se mudaram para outras cidades em busca de novas oportunidades e outros, passivamente, foram ingerindo as mudanças de comportamento trazidas pela televisão e pelos moradores que retornavam das capitais. Aos poucos, o município assimila uma rotina apressada, com refeições ligeiras, onde as histórias, os rituais e as lendas são esquecidos, enfraquecendo as tradições locais.

Neste cenário, as crianças assumem não ter vontade de ouvir histórias contadas pelos pais. A Escola conquista, cada vez mais, um maior espaço no processo de educação. As histórias folclóricas conhecidas pelas crianças foram aprendidas na instituição de ensino, que transmite os estereótipos da cultura regional. A instituição como um Aparelho Ideológico do Estado (ALTHUSSER; 2001, 68), garante as transformações nas ações e valores dessas crianças. A ideologia cria tentáculos ilimitados: ela invade o interior e povoa o imaginário da nova geração.

Mesmo assim, Piatã ainda preserva algumas diferenças. As crianças ainda se divertem com brincadeiras de cantiga de roda, como “*O alface já nasceu*”, “*Meu limão, meu Limoeiro*”. Os moradores incluem na sua alimentação receitas da terra, como “*Godó*”⁴ e “*Quenga*”⁵, onde aproveitam as cascas de verduras plantadas em suas hortas para fazer uma refeição barata, saudável, e saborosa. Sobretudo as histórias e lendas ainda se conservam nas narrativas dos antigos moradores, mas ecoam cada vez mais baixo e mais distante do ouvido das crianças de Piatã.

4 – Contos e lendas de Piatã.

Localizado na região nordeste - em um estado caracterizado como quente – Piatã traduz

⁴ O Godó é um prato típico da região feito com pirão de banana verde, carne seca, cebola e alho.

⁵ A Quenga é um prato típico feito do caldo do milho cozido ralado, e pedaços desfiados de galinha.

a sua diferença na vegetação, na culinária, nos costumes, na moda, e principalmente nas histórias. O frio potencializa o imaginário das crianças e adultos, transformando a paisagem real em um imaginário simbólico onde o frio se encontra representado no enredo das histórias e na caracterização dos personagens.

De acordo com Held, o imaginário corresponde a uma ponte entre o real e um outro lugar singular: o fantástico. Lugar esse em que as brincadeiras, desejos, aspirações e fantasias dominam o caminho. Essa paisagem fantástica é construída a partir dos elementos geográficos e culturais de Piatã. “*O fantástico, dir-se-à, reúne na criança toda uma visão animista do mundo*” (HELD; 1977, 44). É neste contexto que uma folha de cansação ou urtiga ganham vida e força, como na história do Homem Mascarado – o mão de Espinho.

Contam os antigos que há 13 anos, em um lugar afastado da cidade, numa rua, as crianças tinham o costume de brincar de esconde-esconde. Nunca acontecia nada, mas um dia, quando uma das crianças desapareceu, a história começou a se formar.

As outras crianças ficaram desesperadas com o sumiço da colega. Não era possível que tivesse simplesmente desaparecido em um lugar que todos conheciam e não se encontrasse em lugar nenhum. Depois de muito procurar, encontraram a menina de cabeça baixa chorando. Os colegas, então, se aproximaram para consolar a menina, mas deram um salto para trás quando ela levantou o rosto: a sua bochecha estava vermelha, toda perfurada por espinhos.

Ela estava tão assustada que não conseguia falar. Após um tempo e mais calma, a menina relatou que um homem mascarado se aproximara e batera em seu rosto com muita força. Ao sentir a dor da pancada, ela olhou para as mãos do desconhecido e percebeu que ele usava uma luva cheia de espinhos. Do mesmo jeito que aparecera, o misterioso homem sumiu entre a vegetação sem deixar vestígios. Depois desse dia, nunca mais as crianças voltaram à tenebrosa rua; outras mulheres até assumiram ter presenciado o encontro com o tal homem mascarado.

Uma outra história contada pelos moradores mais antigos da região é a Mulher de Branco. As noites de Piatã sempre foram tranquilas. Certo dia, essa serenidade deu lugar ao espanto. Uma mulher, vestida de branco, começou a rondar a cidade, acompanhada de um homem peludo. A partir desse dia, ninguém mais tinha coragem de sair à rua no período noturno. Todos achavam que a mulher era uma assombração.

Cansado dessa privação, um senhor decidiu desvendar o mistério: quando o relógio marcou às 22 horas, o homem saiu pelas ruas à procura do casal. Tomou cachaça – para ganhar coragem e enganar o frio - e mesmo sabendo que assombração não morre, só por precaução, levou uma espingarda carregadinha de chumbo.

O encontro do senhor com a Mulher de Branco e o Homem Peludo aconteceu na frente da igreja – precavido, o senhor que investigava resolveu ficar próximo ao lugar mais apropriado a uma intervenção divina, caso a situação começasse a apertar e a história ameaçasse terminar muito mal para ele. O senhor interpelou o casal com a espingarda recheada de intenções de se fazer respeitar e os obrigou a tirar o disfarce. A mulher ainda exitou em cumprir a ordem, mas o Homem Peludo obedeceu prontamente às instruções e convenceu a mulher a fazer o mesmo.

Desvendado o mistério, na manhã do dia seguinte todos já sabiam do ocorrido. O Homem Peludo era casado e a Mulher de Branco a sua amante. O homem permanece na cidade até hoje e a mulher se mudou para São Paulo.

Além destes dois exemplos relatados acima, há a lenda da Livusia: uma assombração que passa, provocando um frio na espinha e deixando a todos paralisados não se sabe por quanto tempo.

5 – A história por trás das histórias.

As histórias relatadas neste artigo são típicas de uma Bahia fria e estão repletas de elementos que caracterizam o local - apropriados e transformados, simbolicamente, pela imaginação dos moradores da região.

O Homem Mascarado, por exemplo, usa capa e possivelmente está envolto em cachecol, o que cria a impressão de uma máscara. A “Mulher de Branco” está coberta por uma túnica e o Homem Peludo, provavelmente, usa um casaco felpudo; todas vestimentas de lugares frios.

A luva do Mão de Espinho representa uma planta típica da região, que, ao balançar com o vento, pode machucar as crianças que correm em seu entorno. O fato da personagem também usar luvas, remete aos costumes do local frio.

Por último a Livusia - o vento nasce em uma gruta, e sobe por uma depressão, conhecida localmente como “buracão” - lugar que antigamente tinha muito ouro. Após diversas escavações, surgiu um cheiro estranho de enxofre. Os moradores, com medo que o ouro acabasse, resolveram construir uma igreja usando boa parte deste ouro: a igreja Senhor Bom Jesus, localizada na Serra.

De acordo com Seu Dázio⁶ a abundância despertou o interesse dos alemães e dos portugueses. Eles entraram na mina de ouro, mas nesse mesmo tempo a boca da gruta fechou-se. Os turistas ficaram presos e morreram por falta de comida e água. As pessoas diziam ouvir os seus gritos e apelos por socorro, porém era impossível escavar a gruta.

Hoje, quando a lua é nova ou Minguante, surge um frio cheio de força e ruídos, às vezes até parece que vai derrubar as casas. Esse frio, segundo os contadores de histórias, foi corporificado em uma assombração - o assobio é a fala e a paralisação o pânico, cujo poder faz com que todos fiquem paralisados com a sua passagem.

⁶ Entrevista concedida a Luana Lima em Piatã/Bahia na data 21/08/2006.

Esses são alguns contos e lendas de Piatã, que demonstram a diversidade do folclore baiano e as peculiaridades que envolvem o clima da Bahia fria. São essas histórias – que simbolizam muito mais o povo de Piatã do que as lendas do folclore brasileiro – que sofrem a ameaça do tempo e do esquecimento, contribuindo, caso isso ocorra, para a padronização do imaginário das crianças da Bahia.

6 – Considerações Finais.

Gláucia de Mello declara que o caráter social do homem se distingue nos ambientes, comunidade e sociedade. As comunidades têm uma característica mais natural, o seu estilo de vida reúne atitudes puras, oriundas do ser humano: a solidariedade, o respeito, a igualdade, dentre outras. Na sociedade, o convívio é artificial; ele é gerado de acordo com as necessidades da organização social, ética, leis, limites, enfim, gerados pelo crescimento da população (MELLO; 2005, 15).

Piatã, apesar de ser um município cujas características começam a denotar os elementos da cidade grande - ainda se comporta como comunidade. Os bons e naturais costumes ainda se preservam diante a miscelânea cultural em que está rodeada. Mas esse ambiente começa a se deteriorar e os costumes começam a ser esquecidos. Por isso, a necessidade da preservação cultural deve ser prioridade. E os próprios moradores já percebem tal necessidade: as escolas começam a recuperar, de forma artificial, o que antes era natural: as brincadeiras, os contos, as lendas, são apreendidas sob a forma de projetos, que tem como objetivo recuperar o que ao longo do tempo se exauriu.

Referências.

1. ALTHUSSER, L. *Os Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
2. GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política – Impactos sobre o Associativismo do Terceiro Setor*. 2a Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

3. HELD, J. *O imaginário o poder – as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
4. MELLO, G. B. R. Imaginário e prática do viver em comunidade: o desafio de juntar uma utopia a uma realidade: DA SILVA, Antônio de Pádua Dias. *Imaginários da Cultura*. São Paulo: Eduerp, 2005.
5. MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX – o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense, 1992
6. ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. 4ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2000.
7. WARNIER, Jean Pierre. *A Mundialização da Cultura*. Tradução Viviane Pinheiro. Bauru/SP: Edusc, 2000.